



Citation: Mari, M. (2024) Para que serve uma crítica de cinema em um jornal antifascista? Scarface e o retrato de uma civilização (1933). *Quaderni Culturali IILA* 6: 85-93. doi: 10.36253/qciila-3263

Received: June 15, 2024

Accepted: October 10, 2024

Published: December 27, 2024

© 2024 Author(s). This is an open access, peer-reviewed article published by Firenze University Press (<https://www.fupress.com>) and distributed, except where otherwise noted, under the terms of the CC BY 4.0 License for content and CC0 1.0 Universal for metadata.

Data Availability Statement: All relevant data are within the paper and its Supporting Information files.

Competing Interests: The Author(s) declare(s) no conflict of interest.

Disclaimer: The views and opinions expressed in this article are those of the author(s) and do not necessarily reflect the views or positions of the editors.

ORCID:
MM: 0000-0001-6352-9460

Para que serve uma crítica de cinema em um jornal antifascista? Scarface e o retrato de uma civilização (1933)

What's the point of a film review in an anti-fascist newspaper? Scarface and the portrait of a civilisation (1933)

MARCELO MARI

Universidade de Brasília, Brasil
marcelomari.vis@gmail.com

Abstract. This article compares two anti-fascist newspapers published in Brazil: one, *La Difesa*, aimed at the Italian community in São Paulo; the other, *O Homem Livre*, aimed at the Brazilian public. Both media outlets were key to the Brazilian anti-fascist campaign and the formation of a single anti-fascist front in the city of São Paulo in the 1930s. The similarity between the two newspapers lies in the primacy assumed by *La Difesa* in the implacable fight against fascism, which was followed by the political vision of *O Homem Livre*. The difference between the two newspapers centred on the importance given to art and culture issues by the Brazilian newspaper.

Keywords: Mário Pedrosa, anti-fascist newspaper, Scarface.

Resumen. Este artículo compara dos periódicos antifascistas publicados en Brasil: uno, *La Difesa*, dirigido a la comunidad italiana de São Paulo; el otro, *O Homem Livre*, dirigido al público brasileño. Ambos medios fueron clave en la campaña antifascista brasileña y en la formación de un frente único antifascista en la ciudad de São Paulo en la década de 1930. La semejanza entre los dos periódicos radica en la primacía asumida por *La Difesa* en la lucha sin cuartel contra el fascismo, que fue acompañada por la visión política de *O Homem Livre*. La diferencia entre los dos periódicos se centraba en la importancia concedida a las cuestiones de arte y cultura por el diario brasileño.

Palabras-clave: Mário Pedrosa, Periódico antifascista, Scarface.

Antes de começar propriamente a análise da crítica de cinema, particularmente do filme *Scarface*, escrita por Mário Pedrosa¹ para o jornal anti-

¹ Mário Pedrosa (1900-1981) nasceu em Timbaúba, Pernambuco, Brasil. Foi crítico de arte brasileiro, militante e responsável pela fundação da IV Internacional comunista no Brasil. Pedrosa, nesse período, está em contato com Pierre Naville na França e com membros comunistas dissidentes do Partido Comunista no Brasil. A partir da formação da liga comunista internacionalista,

fascista *O Homem Livre*, é preciso explicar brevemente porque esse jornal publicado na capital de São Paulo se torna um dos principais veículos do antifascismo na década de 1930. O jornal tem sua primeira edição no dia 27 de maio de 1933 e surge no auge das tensões entre integralistas e militantes de esquerda no Brasil. Um de seus idealizadores foi Mário Pedrosa, que havia acompanhado as lutas antifascistas na Alemanha, em breve passagem por Berlim no final da década de 1920, mais precisamente entre os anos de 1927 e 1928. Não que a ameaça fascista não fosse conhecida de todos no Brasil, muito pelo contrário, Pedrosa havia também tomado contato com as iniciativas, realizadas principalmente em São Paulo, de combate ao fascismo tomadas por intelectuais e militantes, que se opunham ou fugiram do regime fascista de Mussolini.

De fato, depois da consolidação da ditadura fascista na Itália em 1925, muitos militantes italianos fugiram da perseguição fascista e se exilaram em vários países pelo mundo. Sua bandeira comum era já a luta antifascista. Isso deu base para a formação de uma imprensa antifascista em São Paulo nos anos iniciais da década de 1920. Quando a luta antifascista ganha força no Brasil do início da década de 1930, com o fascismo vitorioso na Europa, as iniciativas brasileiras encontram respaldo nas ações antifascistas de comunidades italianas que já atuavam no Brasil há, pelo menos, uma década. Pode-se dizer que aconteceu uma potencialização das iniciativas antifascistas diante da ameaça de Plínio Salgado e dos integralistas. É justamente provável que o nome do jornal antifascista de Pedrosa tenha se inspirado no jornal *La Difesa – Organo Bisettimanale degli Uomini Liberi*², que era canal de comunicação da comunidade italiana de São Paulo e fora fundado por Antonio Piccarolo³ no ano de 1923.

Em 1926, o jornal *La Difesa* passou a ser dirigido pelo socialista Francesco Frola⁴. Nascido em Turim, Frola tinha filiação nobre, mas divergindo da família, imigrou para os Estados Unidos e foi trabalhar em fábrica como operário. Aproximou-se definitivamente do socialismo do Partido Socialista Italiano. Perseguido pelos fascistas, imigra para a França e une-se aos movimen-

tos antifascistas. É justamente naquele ano de 1926 que recebe convite de Piccarolo para dirigir o jornal antifascista *La Difesa*. Por participar de movimentos antifascistas, Piccarolo entende ser Frola a pessoa certa para substituí-lo na direção do jornal. Frola viaja a São Paulo, porém a Embaixada Italiana no Brasil tente impedir seu ingresso, ele consegue resolver o problema de seu visto e assume o jornal antifascista. Piccarolo queria se afastar do jornal, porém, os motivos não são claros: se por força da tendência dominante de ascensão do fascismo no mundo ou se por força de desejar ter um perfil menos associado ao movimento antifascista.

Ocorre que Piccarolo e Frola logo se tornaram inimigos: Piccarolo, muito afeito aos interesses liberais, queria que o jornal *La Difesa* fosse um jornal de pequena circulação, sem promover muito alarde, direcionado às elites intelectuais; Frola queria e implementou um franqueamento do jornal para todas as correntes de esquerda, que de alguma forma combatiam o fascismo, incluindo aí os comunistas. Além disso, pretendeu massificar o jornal para alcançar de fato o movimento das massas operárias. Frola gostava de dizer que, com ele, o jornal teria ganhado relevância em São Paulo e no Brasil. De fato, *La Difesa* ganhou mais projeção nos anos de 1926 até 1929. Em 1929, Frola, vai à França para se tornar correspondente do Jornal no exterior, porém logo no ano seguinte volta ao Brasil e tem seu visto de entrada negado, o que o fez ir para Buenos Aires. Lá ele atuou nos movimentos antifascistas e voltou a São Paulo em 1931, momento decisivo para fortalecimento do movimento antifascista na cidade. Sua atuação como militante antifascista e como diretor do *La Difesa* foi inspiração para a formação de uma frente única antifascista em São Paulo nos anos de 1933 e 1934.

Justamente nesses anos iniciais da década de 1930, conforme explica João F. Bertonha, a direção de Frola no *La Difesa* intensificou o combate antifascista:

Sabemos, hoje, que houve limites que a propaganda de Frola não conseguiu ultrapassar e que ele realmente exagerou os resultados do seu trabalho. Mas que Frola e seu ativismo representaram um marco na história do antifascismo italiano do Brasil é algo que os próprios fascistas reconheciam [...]. Dessa forma, o que podemos notar é que Frola deu novo caráter ao antifascismo, abandonando as (sic) idéias de antifascismo como algo meramente intelectual de Piccarolo e ao menos tentou dar a ele um caráter de massa. Isso, aliás, é reconhecido implicitamente por Frola na seguinte passagem: “Eu fiz aquilo que devia, isto é, escancarar as portas do jornal às massas: o ar fresco assustou o homem das convenções [Piccarolo]. Nos tornamos inimigos”. Outra mudança singular que Frola introduziu no *La Difesa* e no movimento antifascista foi sua maior tolerância aos antifascistas mais à esquerda. De

Pedrosa atuou no ano de 1934 como líder da formação de uma Frente Única Antifascista (FUA), que teve papel fundamental no combate da extrema-direita, representada pelo Integralismo. O ápice desses confrontos foi a batalha entre a FUA e integralistas na Praça da Sé em São Paulo no ano de 1934.

² Posteriormente o jornal foi denominado *La Difesa – Organo Settimanale dell’Antifascismo*.

³ Antonio Piccarolo (1863-1947) nasceu em Alessandria, Piemonte, Itália. Foi professor, jornalista e pensador socialista radicado no Brasil.

⁴ Francesco Frola (1886-1954) nasceu em Torino, Piemonte, Itália. Foi jornalista, militante e pensador socialista radicado no Brasil. Ver: Andreucci (1975).



Fig. 1. Primeira página do Jornal La Difesa, edição de 01 de maio de 1930. Fonte: La Difesa [jornal], a. 6, n. 307. São Paulo-SP, 01 mai. 1930. Disponível em <https://atom.arquivoestado.sp.gov.br/br-spapesp-hemapesp-s001-b000800-d000320> [acesso em 13/04/2024].

fato, já em 1927 Frola vai deixar claro que não era comunista e que não aprovava seus métodos, mas não comparilhava da fobia anticomunista de Piccarolo. (Bertonha, 2000, pp. 217-218).

O Jornal *O Homem Livre* é caudatário do *La Difesa*. Embora no período de Frola o jornal tivesse se concentrado na luta política contra o fascismo, havia nas direções anteriores um olhar discreto, mas mais abrangente sobre aspectos e significados do impacto da política na cultura ou para temas do universo da cultura. Aliás, nesse ponto, se comparado ao *La Difesa*, *O Homem Livre* parece insuperável em relação aos jornais políticos da época, dado o interesse especial de Geraldo Ferraz e de Mário Pedrosa por novas manifestações na literatura, nas artes visuais, na música, no cinema e nos estudos humanísticos.

Se o *La Difesa* não superava *O Homem Livre* em termos de cobertura de assuntos de cultura, é justamente a partir das iniciativas de Frola que o jornal *O Homem Livre* teve mais facilidade de se impor a partir de uma agenda amplamente divulgada de ações contra o fascismo e abertamente como porta-voz dos comunistas. Assim como *La Difesa*, o jornal brasileiro teve importância decisiva para difusão de luta e propaganda antifascista em São Paulo e também fizera aquilo que Frola implementara a partir de 1926: a necessidade e a oportunidade de abrir o jornal para receber contribuições intelectuais de um espectro amplo da esquerda.

O Homem Livre tinha como seu redator-chefe Geraldo Ferraz, mas quem cuidava da maior parte dos editoriais era Miguel Macedo. E contava com a colaboração ativa de Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobo, Goffredo Rosini, Francesco Frola, Fúlvio Abramo, Lívio Abramo, entre outros. A escolha de Geraldo Ferraz para redator-chefe deu-se pelo fato de ele não ter processo nem ainda ter sido perseguido pela polícia política até aquele momento. É que a maioria dos artigos do jornal são assinados com nomes de guerra. Como se sabe, esse Jornal foi fundado com o intuito principal da Liga Comunista Internacionalista e do Partido Socialista Brasileiro para servir na luta antifascista em São Paulo, que teria como plataforma política as ações coordenadas pela famosa FUA, Frente Única Antifascista.

No editorial, do primeiro número de *O Homem Livre*, intitulado “Contra o fascismo”, de 27 de maio de 1933, justificava-se a iniciativa de criar o jornal para estabelecer comunicação com o público em geral, especialmente com a classe trabalhadora para informar, para conscientizar e para combater o fascismo no Brasil. De modo direto, explicava a origem da crise da democracia e de ascensão do fascismo como resultado da crise do capitalismo. Tanto a situação italiana, quanto a alemã e a brasileira tinham esse denominador comum. Diz o editorial:

Em consequência de fatores mais ou menos complexos, entre os quais os de ordem política, no que toca aos partidos que representam os interesses das classes trabalhadoras, predominam, de maneira decisiva, a humanidade ameaça retrogradar. [...] Procura-se desse modo, opondo-se um dique de baixa demagogia às reivindicações das mais largas massas do povo, garantir a permanência no poder de uma minoria cujos interesses colidem violentamente com os da imensa maioria. Para essa minoria a democracia faliu. Faliu porque já não lhe garante sem sobressaltos o poder ilimitado, os privilégios aristocráticos ameaçados pela crescente onda popular, cada vez mais consciente de seus interesses e de sua força. Por isso é que, justamente na época em que todas as premissas para o advento de uma forma mais alta de democracia se apresenta, a reação fascista faz sua aparição sobre o mundo. Para cumprir sua missão histórica, o fascismo tem antes de tudo de realizar a tarefa primordial de dividir a maioria dos oprimidos. E para isso realiza um trabalho de demagogia de proporções ainda não conhecidas na história. Demagogia enorme pelo que contém de vazio e de contraditório, de inépcia e de ignorância audaciosa, de generalização vaga com o fito deliberado e criminoso de iludir as populações atormentadas pelas contradições econômicas.» (Editores, *Contra o fascismo*, 1933, p. 1)⁵.

⁵ Ver: Carone (1991).

De fato, *O Homem Livre* foi um veículo não só de artigos com análises de situação e de matérias sobre temas relacionados ao combate político do fascismo, mas também um veículo interessado na educação das massas, do ponto de vista político e cultural. Os colaboradores e editores, entre eles, Mário Pedrosa, tinham entendimento de que era preciso educar as massas, pois o fascismo era fruto da ignorância. Daí a preocupação externada nos artigos do Jornal, de que era preciso educar os trabalhadores não só politicamente, mas também por meio da cultura e das artes. Essa dimensão da formação do trabalhador era fundamental para os editores. Veja-se o artigo de 3 de junho de 1933, intitulado “O problema da cultura popular no Brasil”:

É antes de tudo diretamente subordinado ao problema da escola. A esmagadora maioria do nosso o próprio alfabeto é inacessível! Os nossos governos nunca se incomodaram muito com isso; para se desculparem, alegavam, naturalmente, razões econômicas. A verba não dava. Dava porém para outras coisas [...] se estudarmos qual é a forma de divulgação cultural mais barata, devemos-nos convencer de que esta é justamente o livro. A possibilidade de ação de um livro lançado no mercado a preço mínimo, é ilimitada. (A cultura é o lugar por excelência de exercício do espírito crítico e) a tática empregada pelo fascismo para dominar incontrastadamente consiste, única e puramente, na supressão de toda e qualquer ação independente das camadas inferiores do povo, como é o caso dos sindicatos livres e dos partidos operários, e de todos os movimentos mais ou menos permeados de espírito livre. (Serra, 1933, p. 4).

Por sua característica de formação, *O Homem Livre* seria veículo da FUA representando espectro grande de agremiações de trabalhadores de várias tendências políticas, entre elas, comunistas, socialistas, anarquistas, social-democratas e liberais democratas, que tinham como objetivo imediato unificar ações contra as forças fascistas que ganhavam campo no sistema de informações e de propaganda, nos aparelhos de Estado e principalmente no sistema policial, na polícia política e em parte das forças armadas no Brasil. O problema da luta antifascista travada na Europa pela classe trabalhadora, com a destruição de seus sindicatos, suas organizações laborais de toda sorte, perseguições de lideranças políticas que fizeram enfrentamento ao fascismo já era por aqui bem conhecido e desde a década de 1920 até 1933 surgiram muitas iniciativas de combate ao fascismo no Brasil.

Como se sabe, o ano decisivo que motivou a formação da Frente Única Antifascista foi 1933, quando, depois de consolidado o poder de Mussolini na Itália em 1925, Hitler chegava ao poder e após jurar seguir a constituição republicana, deu golpe e fechou o congresso alemão em 1933. O jornalista Fúlvio Abramo, em texto

depoimento de 1984, levanta dois elementos que atribuíram complexidade na decisão de formar uma frente única antifascista que realmente aniquilasse as chances de ascensão dos integralistas no Brasil: primeiro, o impacto de livro de Leon Trotsky intitulado “Revolução e contrarrevolução na Alemanha” de 1933; segundo, a teoria do terceiro período seguida pela terceira internacional do Partido Comunista.

O primeiro elemento a ser destacado foi o impacto que teve “Revolução e contrarrevolução na Alemanha”, publicado pela editora Unitas e endereçado ao leitor de esquerda e principalmente aos comunistas que ainda apoiavam o estalinismo. A tese central do livro é que a análise de conjuntura míope do Partido Comunista da Alemanha, pois demasiadamente centrada nos problemas diplomáticos russos, impediu acordo com a social-democracia para formação de frente antifascista, já que para os estalinistas toda a esquerda e centro-esquerda era caracterizada como expressão de social fascismo, o que acabou por jogar a Alemanha nas garras do nazismo. A derrota dos comunistas na Alemanha foi demonstração cabal de que a leitura de Trotsky estava correta e que a teoria do terceiro período não se sustentava, já que o PCA precisava da ajuda da social-democracia para vencer Hitler nas eleições.

O segundo elemento comentado por Fúlvio Abramo era justamente a avaliação de que a derrota do fascismo era explicada pelos estalinistas como resultado do terceiro período do processo histórico-revolucionário, em que os trabalhadores vivenciavam violentamente as contradições do período de agudização da crise capitalista. Lembrando que a teoria do terceiro período criou um esquema para interpretação do momento histórico de ascensão do fascismo e identificou a luta isolada das massas trabalhadoras guiadas pelos comunistas estalinistas como parte do processo histórico de derrota inevitável do fascismo e expansão comunista na Europa ocidental. Diz Fúlvio Abramo:

Os anos de 1930 marcaram a ascensão internacional do fascismo, como consequência do apodrecimento geral do capitalismo clássico e do reajustamento e realinhamento do plano imperialista, que se traslada da Europa para os Estados Unidos. [...] O movimento fascista se afirma como a última e mais confiável máquina de repressão das massas trabalhadoras: ele não é apenas um método mais eficiente de apropriação da mais-valia produzida pelo trabalho assalariado, vai além: submete a sociedade totalmente ao seu domínio, criando uma superestrutura constituída de círculos, hierárquicos reduzidos que se resumem, no topo da escala, aos manipuladores do capital financeiro [...]. Facilita enormemente a sua tarefa os erros cometidos pelas vanguardas do movimento operário (sejam os comunistas estalinistas ou social-democratas colaboracionistas). (Abramo, 2014, p. 18).

A despeito das dificuldades impostas pelo Partido Comunista do Brasil, mas com apoio à iniciativa, Fúlvio Abramo relata, como participante do evento, que a Frente Única Antifascista foi constituída em reunião na sede da União dos Trabalhadores Gráficos no dia 5 de julho de 1933, presidida por Francesco Frola e que contou com a presença do Partido Socialista Brasileiro, Grêmio Universitário Socialista, União dos Trabalhadores Gráficos, Legião cívica 5 de julho, Liga Comunista internacionalista, representação do Partido Socialista Italiano, Bandeira dos 18, Grupo Socialista Giacomo Matteotti, jornal *O Homem Livre*, jornal *A Rua*, revista *O Socialismo*, Grupo Italia libera, Federação Operária de São Paulo, Jornal *A Lanterna* e jornal *A Plebe*. As ações antifascistas, lideradas pela FUA compreendiam a formação de opinião pelos jornais *O Homem Livre*, *A Rua*, *A Lanterna* e *A Plebe* e organização de comícios públicos. O primeiro grande comício da FUA realizou-se em 14 de julho de 1933. Três meses após o lançamento do primeiro número de *O Homem Livre*. Esse período foi marcado pela intensificação das ações coordenadas por integralistas, com uso de violência contra associações antifascistas, sindicatos e pessoas ligadas ao antifascismo. Muitas dessas ações violentas não foram coibidas pela polícia e até mesmo contavam com apoio e a anuência dessa, que agia contra os comunistas.

Havia, por assim dizer, um acordo tácito entre polícias, principalmente a federal, e o integralismo. As manifestações de violência têm escalada crescente e os militantes da FUA decidem reagir. Não havia outra solução, os integralistas ameaçavam de morte não só líderes operários e suas famílias, mas todos os que, de alguma maneira, punham-se no seu caminho de busca de reconhecimento nacional para tomada de poder por parte de Plínio Salgado e seus asseclas. Os acontecimentos estão marcados por episódios de violência brutal dos integralistas, quando, reunidos em duzentos homens, tentaram, sem sucesso, acabar com assembleia da FUA. Logo depois do fim da assembleia, contudo, policiais interceptaram operários antifascistas que retornavam para suas casas no Brás e abriram fogo de fuzil contra eles. Um foi baleado, Agostinho Farina, e dezesseis foram espancados e presos. Os antifascistas começaram a ser perseguidos e reprimidos pela polícia (do interventor de São Paulo). Abramo enfatiza que os atos de violência integralista se alastraram pelo país e o planejamento de uma reação armada da FUA teve como acontecimento a tentativa de fuzilamento de operários antifascistas em São Paulo e a agressão a bengaladas praticada pelo escritor integralista Gustavo Barroso contra a operária Nair Coelho, em Niterói.

Diante de informação sobre marcha ostensiva dos integralistas, que queriam dar demonstração de força e,

por meio de tática “entrista”, ocupar o coração do governo provisório de Vargas. A FUA resolveu organizar uma contramanifestação para o dia 15 de dezembro de 1933, que mesmo depois da desistência dos integralistas, foi convocada por meio de manifesto escrito no jornal *O Homem Livre* no dia 14. Apesar de entrar em crise com a perseguição brutal e implacável da polícia, com prisão de seus membros e tortura, a frente única continua com suas atividades, de modo cada vez mais esporádico.

Na edição mesma em que sai o Manifesto de contramanifestação antifascista, pode-se ler apelo público de Geraldo Ferraz aos deputados socialistas da Assembleia Constituinte concitando-os a protestar contra a proibição de reuniões antifascistas em São Paulo. Como editor-chefe de *O Homem Livre*, Geraldo Ferraz escrevia: «A polícia de São Paulo, conforme comunicação publicada em jornais daqui, proibiu qualquer reunião antifascista ou anti-integralista, ao mesmo tempo, permite integralistas desfilarem na cidade bandos militarmente organizados» (Ferraz, 1933, p. 2)⁶. Por quase um ano os antifascistas tiveram suas manifestações proibidas pela polícia que, entretanto, permitia os integralistas de marcharem em São Paulo e no país afora.

O ano de 1934 foi para os integralistas, oportunidade de ocupação de espaços tradicionalmente ocupados por setores democráticos e pela esquerda. Como dizia Fúlvio Abramo, os integralistas estavam “em estado de graça”, pois conseguiram apoio dos fascistas italianos e alemães, das autoridades policiais, de banqueiros e de grandes fazendeiros. O presidente Getúlio Vargas estava decidido (Abramo, 2014, p. 57) a valer-se dos integralistas para governar com tranquilidade, depois de enquadrar de medo e paralisar os sindicatos, associações trabalhistas e partidos de amplo espectro, que apesar de constituírem por isso mesmo de várias visões e tendências, eram denominados preconceituosa e genericamente de “comunistas” pela superestrutura simbólica capitalista da época. Enquanto sindicatos eram ocupados, militantes de esquerda presos e a Frente única enfraquecida, os integralistas estavam empoderados e anunciam realização de grande passeata e desfile militar no dia 7 de outubro de 1934, em São Paulo. A reação final da Frente Única, já sufocada por disputas internas, é imediata. O que estava em jogo? Segundo testemunha Fúlvio Abramo, o que estava em jogo era a ascensão de um governo de tipo fascista no Brasil e o enfraquecimento radical dos órgãos de representação dos operários.

Foi exatamente a FUA idealizada por Mário Pedrosa que se prontificou a realizar contra manifestação no dia 7, em que se comemoraria na Praça da Sé, o segun-

⁶ Para um relato mais completo sobre a crise institucional vivida no País, ver: Ferraz (1983).

do ano de existência do Integralismo no Brasil. Pedrosa recorda, muito tempo depois aquilo que ficou conhecido pela história como as “4 horas de ditadura do proletariado” em São Paulo:

O Nazismo vitorioso na Alemanha estimulou os fascistas caboclos a vestirem camisa verde, fazerem saudação de braço estendido, arranjarem, um führer nacional, armarem-se e saírem às ruas espancando homens de esquerda, onde encontrassem, e desfilaro com sua milícia militarizada de milhares de homens até cerimônia de juramento à bandeira no Largo da Sé, em face do edifício Santa Helena, onde tinha sede a Federação Brasileira dos Sindicatos dos Trabalhadores, recém-criada. O aparato militar e acintoso da cerimônia visava, conforme tática nazista da conquista da rua antes da tomada do poder, intimidar os trabalhadores ameaçando a própria existência de seus sindicatos de classe. Apesar de inexperiente ainda a federação compreendeu o perigo e o sentido da manobra e da ameaça. Então, a seu apelo, uma frente única de todas as esquerdas se formou com o fito expresso de, em face da passiva neutralidade do governo, dispersar pela violência aquele desfile. A 7 de outubro de 1934, com efeito, o povo em massa dos bairros proletários acorreu ao Largo da Sé, armado de qualquer coisa (pau, faca, foice, espingarda, pistola) e dissolveu no peito (centenas de feridos, uma dezena de mortes, dum lado e de outro, muitíssimas prisões) a parada dos galinhas-verdes que nunca mais desfilaram pelas ruas de São Paulo. Continuaram a fazê-lo, porém, no Rio, até o golpe estadonovista de novembro de 1937, com que, com sua cumplicidade, a ditadura liberal indefinida de 1930 se definiu como fascista, e o senhor Felinto Muller [...] (instituiu) pela primeira vez o terror nazista em nossa Terra.» (Pedrosa, 1986, pp. 278-279).

Revoada dos “galinhas-verdes”, expressão de escárnio sobre a fuga em massa dos Integralistas, ou 4 horas de ditadura do proletariado, que seja. Os desdobramentos disso foram um endurecimento do regime, com perseguições mais duras a sindicatos, militantes e partidos de esquerda, especialmente depois da Aliança Nacional Libertadora, comandada por Luís Carlos Prestes, em 1935. Antes mesmo dessa última grande manifestação das esquerdas em São Paulo, em 1934, até o jornal *O Homem Livre* teria sua publicação suspensa, pelos próprios editores, por perseguição implacável e sem recursos para manter seu financiamento. O militante trotskista Hilcar Leite relata o fim da liberdade sindical com a revolução de 1930:

Quando Getúlio assumiu, as características dele ainda não estavam claras. A esperança era que tudo voltasse ao regime anterior a 1928, quer dizer, que ele desse plena liberdade sindical. [...] ao lado das organizações independentes, começaram a se formar novos sindicatos, reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, e o governo só domi-

nou a situação porque decretou que apenas os associados desses sindicatos poderiam recorrer à Justiça do Trabalho para ter o benefício da legislação. (Até quando os sindicatos independentes resistiram?) Até praticamente fins de 33, princípios de 34. Aí a gente viu que não era mais possível. Como era possível manter organizações sindicais independentes se não se podia recorrer a nada? Não se podia conversar com o patrão, não se podia recorrer ao Ministério, à Justiça do Trabalho» (Gomes, 1988, pp. 170-171).

O ponto alto do jornal *O Homem Livre* foi justamente a edição de 2 de julho de 1933, quando Manoel Medeiros escrevia em tom otimista, o editorial daquele dia que celebrava a formação da Frente Única, com apoio mesmo do PCB, ainda que este partido mudasse de opinião por algumas vezes durante a existência da FUA. Essa edição contou com gravura expressionista belíssima de Lívio Abramo, que ocupa um terço da página. Gravura influenciada, como reconheceu Lívio Abramo, pela exposição de Käthe Kollwitz vista no Clube dos Artistas Modernos. Aliás, essa edição de *O Homem Livre* trouxe transcrita a conferência que Mário Pedrosa pronunciou sobre a exposição da gravurista alemã, que foi grande sensação entre artistas, literatos e intelectuais brasileiros. O título da conferência era Käthe Kollwitz e seu modo vermelho de ver o mundo, transcrito no jornal com novo título “As tendências sociais da Arte e Käthe Kollwitz”. O texto da conferência foi publicado em partes durante alguns números do Jornal. Ali naquela edição encontramos também um texto de crítica de cinema, que embora não se tenha dado muita importância, foi escrito por Mário Pedrosa, com codinome, Alpheu Paraná. Esse texto apresenta aqui justamente o interesse de nossa pesquisa pela autobiografia, na medida em que o filme revela na personagem o modo de ser de toda uma sociedade. Mais ainda: trata-se de visão especular. É como se o personagem fosse reflexo da sociedade e vice-versa. O diretor de *Scarface*, que é a tradução para cicatriz, é Howard Hawks. O filme foi produzido em 1932 e exibido no Brasil no ano seguinte.

Scarface é um filme cujo argumento principal é a ascensão meteórica de Tony Camonte, que bem poderia ser a personificação de Al Capone, o líder do crime organizado e gangster do controle do álcool em Chicago. Dois movimentos dominam o filme. Um é a necessidade de Camonte de eliminar seus concorrentes ou por eles ser eliminado. O bom competidor no mercado é competidor morto. Para sobreviver à cruel concorrência normalizada da lei seca, Camonte se vê na situação de ter que eliminar todos seus rivais, contrabandistas de bebidas e de armas. Não se trata de argumento moral; é a lei do mercado, como se diria hoje. Sobre isso diz Pedrosa:



Fig. 2. Primeira página do jornal O Homem Livre, edição de 2 de julho de 1933. Fonte: O Homem Livre, 1933, ano 1, nº 6. Disponível em <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/5523> [acesso em 23/06/2024].

E surgem os pastores, os bispos, os homens ditos de boa vontade, pregando a essas entidades as virtudes da continência. Mas é estúpido e ridículo culpar a ambição humana. Primeiro, esta não existe em si, como a arte pela arte, ou como a ideia pura. É provocada ou exigida pelo sistema social em que se vive, pelo próprio regime econômico que dela carece para desenvolver-se. E depois para se explicar não há necessidade de recorrer a esses argumentos psicológicos que são mais próprios aos sermões grandiloquentes sobre a vaidade humana, etc.» (Pedrosa, 1933a, p. 4).

Aqui estamos contemplados pela visão dialética, não determinista da arte do autor que realizou interpretação sobre o significado do fenômeno artístico e sua relação com o momento histórico, justamente para enfatizar o sentido social da arte. Ora, a arte é, para Pedrosa, um campo de relações com o conjunto da sociedade. Não existe, por assim dizer, uma arte pela arte, ainda que se queira um campo próprio para ela. Aliás, essa ideia foi defendida também na introdução que Pedrosa faz da



Fig. 3. Cartão promocional de divulgação do filme. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Scarface_lobby_card.JPG#filelinks [acesso em 10/11/2024].

arte de Käthe Kollwitz, parafraseando a posição de Trotsky em literatura e revolução de 1924. Dizia Pedrosa: «A arte não goza de imunidades especiais contra as taras da sociedade nem no seu pórtico param, sem transpô-lo o egoísmo de classe. Como outra qualquer manifestação, é ela corroída interiormente (Pedrosa diria, por uma determinada civilização) pelo determinismo histórico da luta entre os diversos grupos sociais» (Pedrosa, 1933b, p. 3).

O segundo movimento do filme é a progressiva transformação de Camonte de um simplório imigrante em um americano rico (isso fica mais evidente pela mudança na fala do personagem e na forma de consumo). Camonte perde o sotaque, usa uma camisa por dia na demonstração de que o *status social* se compra pelo excesso, mas também sabe utilizar dos recursos da sociedade americana com muita desenvoltura, como o habeas corpus, sem nunca ter lido um tratado de direito. Ao final do filme está completamente integrado ao modo de vida americano e faz parte da reflexão sobre a crise da modernidade. Crise que transparece em outdoor luminoso que se pode ver da janela do apartamento de Camonte (O mundo é seu – referência ao *self-made-man*, individualismo da sociedade americana) ou na cena em que Camonte depois de escapar de atentado em restaurante fica entusiasmado com essa nova tecnologia que é a metralhadora que pode ser utilizada por ele para (sic) «matar mais gente».

Mário Pedrosa insiste no fato de o comportamento de Tony Camonte ser facilmente suscetível de generalização perante as leis incontornáveis do capitalismo.

Daí a ideia de que Camonte é o espelhamento, a cristalização mais pura do modo de funcionamento geral da sociedade americana sob o capitalismo. Pedrosa diria que *Scarface* não estava condizente com o subtítulo do filme “a vergonha de uma nação”, mas que era ele mesmo a personificação da lógica interna, vergonhosa e profunda da civilização capitalista na medida em que ele teve a posse transitória das coisas enquanto servia muito bem aos negócios e fazia muito dinheiro, porém, quando seus interesses colidem com o interesse de grupos mais poderosos ou com o ordenamento do sistema em geral, *Scarface* passou a ser perseguido para ser eliminado. Diz Pedrosa:

A sua personalidade não existe em si, com aquelas famosas faculdades da alma tão debatidas desde Sócrates. Ela existe em função das entidades técnicas e sociais que o geraram. *Scarface* é uma metralhadora com alguma massa encefálica. Carece da lei seca, do Habeas Corpus, de sua família, de seu bando, de suas armas, de suas paredes de aço para que seja ele mesmo. A sua força está na identificação sincronizada de seu objetivo interior com a finalidade mesma de sua arma mecânica. (Pedrosa, 1933b, p. 4).

Da fama e glória de um indivíduo comum ao desespero da perda de tudo, *Scarface* ao final de tudo estava isolado e sem contato com ninguém. A sua solidão era a solidão de quem acreditava na ilusão vã de ter conquistado o mundo para si. Ele se torna uma peça favorecida no jogo, mas que cumprido seu papel vai ser substituído por outro. De fato, o mito do individualismo americano é desmontado no filme, como se despoja o gangster de sua arma e de sua estrutura de apoio (pessoal de trabalho, de contatos e de apoios, etc) e se tem então um homem em trapos, que se torna despossuído de quase todo resto de humanidade no final do filme. Decadência de um tipo social, mas mais do que isso do sistema que age e nele opera. Pedrosa tenta esclarecer que as condições estruturais produziram a opção de escolhas de Camonte. Trata-se de uma tentativa de entender o processo de determinações e de condicionamentos sociais para saber também qual o potencial de conscientização ou alienação que o indivíduo tem nas tramas de seu tempo social, a saber: uma resposta ética ou política possível. Essa parece não ser uma opção para aqueles que se deixam engolir pelas regras da crise capitalista.

A edição especial de *O Homem Livre* de 2 de julho de 1933, que comemorava a unificação dos esforços de luta contra o fascismo no Brasil e que contava com a participação nas mesmas fileiras de inimigos declarados (estalinistas e trotskistas) foi fenômeno único no mundo. Essa mesma edição, como vimos, trazia gravuras de Livio Abramo, a publicação célebre de conferência sobre

o impacto da exposição de Käthe Kollwitz no Clube de Artistas Modernos em São Paulo e o artigo de crítica sobre o filme *Scarface*. Esse texto de Pedrosa não era apenas mais uma crítica de cinema sobre um filme da indústria hollywoodiana nos tempos de Al Capone e a máfia italiana nos Estados Unidos, mas, em conjunto com as outras produções culturais apresentadas e analisadas pelo jornal, constituía um esforço sincero para compreender – sob critério aceitava-se aquilo que a cultura burguesa tinha produzido no âmbito de defesa de valores democráticos em um momento que se devia unir forças contra o fascismo – a revolução dos sentidos produzida pelo mundo moderno e de compreender que a arte moderna e as novas tecnologias da imagem precisavam ser não só absorvidas pela massa dos trabalhadores, mas deveriam participar da construção de seu sentido crítico de realidade, sua visão objetiva sobre as contradições sociais, em um verdadeiro processo de desalienação e também uma forma de educar a sensibilidade dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, Fúlvio. 2014. *A revoada dos galinhas verdes*. São Paulo, Veneta.
- Andreucci, Franco, coordenador. 1975. “II movimento operaio italiano”. *Dizionario Biografico 1853 - 1943*. Roma, Editori Riuniti.
- Bertonha, João Fábio. 2000. “Um antifascista controverso: Francesco Frola”. *História Social*, vol. 6, nº 7, pp. 213-239. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br//index.php/rhs/article/view/491> [acesso em 10/11/2024].
- Carone, Edgar. 1991. *Brasil: anos de crise, 1930-1945*. São Paulo, Ática.
- Cresciani, Gianfranco. 1973. “L’opposizione al fascismo degli italiani in Australia, 1922-1940”. *Il movimento di liberazione in Italia*, vol. 15, outubro-dezembro, p. 113.
- Editores. 1933. “Contra o fascismo”. *O Homem Livre*, Edição 1, 27 de maio, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/721018/1> [acesso em 10/11/2024].
- Ferraz, Geraldo. 1933. “A proibição das reuniões anti-fascistas em São Paulo”. *O Homem Livre*, Edição 20, 14 de dezembro, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/721018/98> [acesso em 10/11/2024].
- Ferraz, Geraldo. 1983. *Depois de tudo: memórias*. Rio de Janeiro, São Paulo, Paz e Terra / Secretaria Municipal de Cultura.
- Frola, Francesco. 1937. *A cooperação livre: a economia espontânea do povo*. Rio de Janeiro, Athena.

- Gomes, Angela de Castro. 1988. *Velhos militantes – depoimentos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Hecker, Alexandre. 1988. *Um socialismo possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz.
- Serra, Flammarion. 1933. “O problema da cultura popular no Brasil”. *O Homem Livre*, Edição 2, 3 de junho, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/721018/8> [acesso em 10/11/2024].
- Pedrosa, Mário. 1986. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo, Perspectiva.
- Pedrosa, Mário. 1933a. “Scarface, ou a lógica de uma civilização”. *O Homem Livre*, Edição 6, 2 de julho, pp. 2-4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/721018/22> [acesso em 10/11/2024].
- Pedrosa, Mário. 1933b. “As tendências sociais da Arte e Käthe Kollwitz”. *O Homem Livre*, Edição 6, 2 de julho, pp. 3-4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/721018/23> [acesso em 10/11/2024].